



AGENDA

Junho	21		Solstício do Verão: 06h46.
	22		Lua Nova. Marés vivas.
	29		Quarto Crescente. Marés mortas.
	1		Nascimento: 06h16. Ocaso: 20h55.
	4		Dia Mundial contra os Golfinhos Cativeiros.
	7		Lua Cheia. Marés vivas.
Julho	15		Quarto Minguante. Marés mortas.
	22		Lua Nova. Marés vivas.
	28		Dia Nacional da Conservação da Natureza.
	28		Quarto Crescente. Marés mortas.
	1		Nascimento: 06h37. Ocaso: 20h38.
	6		Eclipse penumbral da Lua (00h01 - 03h17)
	6		Lua Cheia. Marés vivas.
Agosto	9		Dia Internacional dos Povos Indígenas da Terra.
	12		Chuva de meteoros (Perseidas).
	13		Quarto Minguante. Marés mortas.
	20		Lua Nova. Marés vivas.
	27		Quarto Crescente. Marés mortas.
	29		Noite Europeia dos Morcegos.
	1		Nascimento: 07h03. Ocaso: 20h00.
	4		Lua Cheia. Marés vivas.
Setembro	12		Quarto Minguante. Marés mortas.
	16		Dia Mundial de Preservação da Camada de Ozono.
	18		Lua Nova. Marés vivas.
	20		Dia Mundial de Limpeza das Praias.
	22		Equinócio do Outono: 22h19.

BARBAS DE BODE NO FUNDO DO MAR

O início do Verão marca o fim da época reprodutora do salmonete-legítimo (*Mullus surmuletus*). Este peixe avermelhado que pode atingir mais de 40 cm de comprimento, frequenta fundos arenosos ou vasosos frequentemente a pequena profundidade. Com auxílio dos longos barbilhos que possui sob a boca, o salmonete sonda e detecta a presença de pequenos crustáceos, vermes e moluscos enterrados no fundo, os quais captura escavando vigorosamente os sedimentos ao mesmo tempo que liberta uma nuvem de areia em volta da cabeça. A desova ocorre entre Maio e Julho. Os ovos e as larvas desenvolvem-se no seio do zooplâncton à deriva na superfície do oceano. Ao atingirem 5 cm de comprimento, os juvenis, de dorso azul e flancos prateados, dirigem-se para mais perto da costa, aí passando a viver junto ao fundo e ganhando as cores típicas dos adultos.



TUDO UMA QUESTÃO DE DOSE

A dedaleira (*Digitalis purpurea*) pode florescer entre Maio e Setembro, aparecendo sobretudo em zonas frescas mas bem soleadas da Serra de Monchique e do Caldeirão. A planta passa boa parte do ano reduzida a uma roseta de grandes folhas peludas, mas por esta altura emite uma longa haste até 1,8 m de altura, carregada de flores. Estas são grandes (4 a 6 cm), geralmente de cor púrpura, com manchas mais escuras no interior das pétalas fundidas numa espécie de sino ou dedal. Trata-se de uma das plantas mais conhecidas pela tradição popular, daí a profusão de nomes vulgares porque é conhecida. É cultivada como ornamental e pela fama que possui de espantar as bruxas e afastar as desgraças. Mas a sua principal utilização tem a ver com a presença de numerosas substâncias cardiotónicas (digitalina, digoxina, digitoxina), pelo que as suas folhas e flores são desde há muito empregues no tratamento de insuficiências cardíacas. No entanto, em doses elevadas, o coração pode sofrer arritmia grave e paragem, levando à morte.



TRAÇA DE MANTO VERMELHO

A mariposa-tigre-de-quatro-pontos (*Euplagia quadripunctaria*) é uma pequena borboleta nocturna ou crepuscular que aparece nomeadamente em sítios húmidos da Serra de Monchique. Em repouso dá pouco nas vistas pois as asas anteriores são negras, raiadas de listas amareladas, mas quando voa exhibe as asas posteriores que são de um vermelho intenso, pontuado com 4 manchas escuras. Entre Julho e Agosto, as fêmeas depositam os seus ovos sobre folhas de várias plantas (orégãos, cardos, urtigas, giestas, madressilvas). As lagartas, escuras e com manchas alaranjadas, passam a época desfavorável dentro de um casulo protegido entre as raízes das plantas, retomando a sua actividade na Primavera seguinte. Esta espécie é uma das duas únicas borboletas, protegidas pela legislação comunitária, existentes em Portugal.



LABIRINTOS DA MARÉ VAZIA

Durante um passeio mais atento por uma praia rochosa, podemos deparar-nos com umas crostas esbranquiçadas que cobrem por vezes grandes extensões de rochedos a descoberto na baixa-mar. Embora à primeira vista mais pareçam corais ou líquenes, trata-se na verdade dos talos de litófilo (*Lithophyllum byssoides*), uma alga vermelha calcária. A crosta basal, fortemente agarrada ao substrato, prolonga-se por lâminas verticais (até 2 cm de altura), separadas por espaços mais ou menos regulares e labirínticos. Cada uma das células desta alga tem as paredes impregnadas de carbonato de cálcio (calcite), o que lhe dá uma consistência dura, excelente defesa contra consumidores de algas como os ouriços-do-mar. Durante o Verão desenvolvem-se estruturas reprodutoras que aparecem como pequenas bossas à superfície da crosta. Esta alga marca habitualmente o limite inferior das marés, mas nas suas concavidades cheias de água podem refugiar-se crustáceos, vermes e outros pequenos animais que apenas vivem abaixo da zona intermareal.



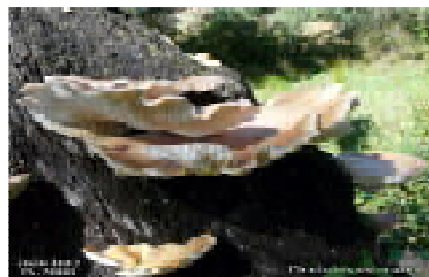
UMA LUZ PICANTE

Muito abundante em certos verões, a água-viva (*Pelagia noctiluca*) costuma manter-se bem afastada da costa mas, por vezes, é arrastada em grande número até às praias, sobretudo durante as primeiras tempestades do Outono. Trata-se de uma medusa de bom tamanho (50 cm de diâmetro), de corpo rosado ou arroxeadado com 4 braços centrais lobulados e 8 tentáculos marginais. É uma espécie urticante, capaz de causar picadas dolorosas num ser humano. Alimenta-se à base de pequenos invertebrados que detecta e captura com os seus tentáculos. Quando perturbada durante a noite, emite uma suave luminescência, podendo deixar atrás de si um rasto brilhante que rapidamente se desvanece.



OSTRAS NAS ÁRVORES

Na nossa região, um Agosto ou Setembro chuvosos significam o início antecipado da época dos cogumelos. Um dos primeiros a aparecer é o pleuroto-comum (*Pleurotus ostreatus*) que cresce em cachos sobre troncos velhos ou caídos de choupo, oliveira ou sobreiro. O chapéu, em forma de concha, pode ultrapassar 20 cm de diâmetro, apresentando geralmente uma cor acinzentada.



A parte fértil produtora de esporos são as lâminas, brancas, situadas sob o chapéu. O pé é curto e muito excêntrico. Caso as chuvas não apareçam, uma boa alternativa para encontrar este cogumelo é ir ao supermercado mais próximo, pois trata-se de uma das duas espécies mais cultivadas e comercializadas no nosso país. Possui uma carne fibrosa com cheiro e sabor bastante agradáveis, o que recomenda uma confecção simples, por exemplo, aquecendo lentamente os cogumelos, cortados em fatias, numa frigideira com manteiga e um pouco de sal, pimenta e salsa. Uma boa sugestão para um prato de carne não animal e com pouca gordura.

PRINCIPEZINHOS DA RIBEIRA

A lontra (*Lutra lutra*) é um animal activo sobretudo durante a noite, pois nessa altura é bem menos provável que encontre um ser humano, o seu único inimigo. Quando o sol se põe, cada lontra sai da toca para percorrer quase sempre o mesmo itinerário através do seu vasto território. De madrugada regressa ao refúgio após uma noite repleta de peripécias. A organização das populações de lontra assenta na delimitação precisa de territórios. Um macho adulto pode ocupar 10 a 15 km de ribeira, enquanto as fêmeas se contentam com uns 7 km, integrados no território dos machos. As fronteiras são cuidadosamente marcadas por meio da deposição de excrementos em locais estratégicos e facilmente visíveis pela concorrência: grandes pedras isoladas no meio da ribeira, árvores caídas, pontões. Após o acasalamento primaveril seguem-se nove semanas de gestação. A fêmea prepara cuidadosamente o ninho numa câmara subterrânea revestida de ervas, situada acima do nível da água, e é aí que vêm ao mundo 2 ou 3 (por vezes, 5 ou 6) crias com uns 15 cm de comprimento, completamente desprotegidas, cegas e desdentadas que gritam sem parar. Quinze dias depois já gatinham, abrem os olhos ao fim de um mês e às dez semanas recebem da mãe a sua primeira lição de mergulho. Tal como os pais no pouco tempo que permaneceram juntos, passam a maior parte do seu tempo em intermináveis brincadeiras. Belas e despreocupadas noites de Verão que nunca mais se irão repetir! Os jovens vivem normalmente com a progenitora até à Primavera seguinte, altura em que se tornam independentes e encaram de frente a responsabilidade de virem a ser, durante quinze ou mais anos, os donos e senhores incontestados de um pedaço de ribeira.



PARTEM OS MILHANOS

Quem visita em Agosto a Costa Vicentina ou as principais zonas húmidas do Algarve, pode observar grupos mais ou menos numerosos de milhafre-preto (*Milvus migrans*) que se preparam para viajar até à África tropical. Chegadas em Março, estas aves de rapina procuram em geral paragens mais a norte, onde se reproduzem, quase sempre junto a grandes rios e barragens. Mas, agora, uma boa parte da população portuguesa (uns poucos milhares de animais) concentra-se no Algarve procurando ganhar forças para a grande travessia. O milhafre-preto costuma voar lentamente e bastante perto do solo, em busca de presas tão variadas como invertebrados, peixes, anfíbios, répteis e pequenos mamíferos, sendo também muito comum observá-lo em aterros sanitários e principalmente junto das estradas, onde os cadáveres de animais atropelados constituem um petisco bem mais fácil de obter. Em breve, todos os milhafres-pretos partirão, juntando-se ao enorme contingente de mais de 50 mil indivíduos desta espécie que anualmente alcançam o continente africano através do estreito de Gibraltar.



MATERNIDADE DE VÍBORAS

Enquanto em pleno Agosto muita gente se bronzeia na praia, as fêmeas de víbora-cornuda (*Vipera latastei*) também procuram aquecer-se ao sol da manhã, nas zonas mais remotas, arenosas ou pedregosas, da Costa Vicentina e Serra Algarvia, onde esta ameaçada espécie ainda sobrevive. No interior do seu corpo está prestes a concluir-se o desenvolvimento de 2 a 13 ovos transparentes, o qual dura há já cerca de 3 meses. Isto se tiver ocorrido o acasalamento primaveril, pois o ciclo sexual desta serpente é bastante variável, com acasalamentos por vezes no Outono e períodos férteis das fêmeas só de 3 em 3 anos. Por seu lado, o "ovoviviparismo" é uma estratégia reprodutora adoptada por grande parte das espécies de víboras, poupando assim os ovos aos perigos e imponderáveis de uma incubação no ambiente externo. Quando chega o momento do parto, a mamã-víbora desliza lentamente para debaixo de uma pedra ou tronco caído e aí, uma a uma, liberta as crias que, entretanto se desfizeram do seu frágil invólucro vitelino. As pequenas víboras, com 12 a 18 cm de comprimento e já com os seus afiados colmilhos prontos a injectar veneno, partem de imediato à procura de um qualquer gafanhoto ou lagartixa que lhes sacie a fome.



Bibliografia: Cardigos, F. (2004) "Salmonete" Rev. Saber - Açores (DOP-UA) 61: 58-61; MEEDDAT "Ecaille chinée" (<http://natura2000.environnement.gouv.fr>); ICNB "Plano Sectorial da Rede Natura 2000; Saldanha, L. (1997) "Fauna Submarina Atlântica" (PEA); www.avesdeportugal.info; Osa Mateos, L.R. (2003) "Las Setas del Parque Natural Sierra de Aracena y Picos de Aroche" (Dip. Huelva / Caja Rural del Sur); Ortega, A. y Linares, E. (2000) "Setas y trufas" (Los Libros de la Estrella); Brito, J.C. (2004) "Víbora hocicuda" (www.vertebradosibericos.org); Pleguezuelos, J.M. et al (2007) "Reproductive ecology of *Vipera latastei* in the Iberian Peninsula: implications for the conservation of a mediterranean viper" *Zoology* 110(1): 9-19. **Ilustrações:** salmonete - Christophe Moreau (<http://puteauxplongee.com>); mariposa - Kurt Kulac (Creative Commons); lontra - Andy Leonard (Creative Commons); água-viva - Alberto Romeo (Wikimedia Commons); milhafre - Thomas Kraft (Creative Commons); pleuroto: João Inez; víbora - Ana Arsénio. **Textos e ilustrações restantes:** Almagrem (Junho/2009).